



RPM

Revista Portuguesa de Musicologia
Portuguese Journal of Musicology

Recensão: Javier Marín-López, Montserrat Capelán, and Paulo Castagna, *Músicas iberoamericanas interconectadas: Caminos, circuitos y redes* (Madrid – Frankfurt am Main, Iberoamericana – Vervuert, 2023), 648 pp., ISBN: 978-84-9192-409-8

Review: Javier Marín-López, Montserrat Capelán, and Paulo Castagna, *Músicas iberoamericanas interconectadas: Caminos, circuitos y redes* (Madrid – Frankfurt am Main, Iberoamericana – Vervuert, 2023), 648 pp., ISBN: 978-84-9192-409-8

Marcelo Fagerlande | Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Música, Brasil

marcelo.fagerlande@musica.ufrj.br | <https://orcid.org/0009-0009-4099-5579>



<https://doi.org/10.57885/rpmns.561>

**RPM**Revista Portuguesa de Musicologia
Portuguese Journal of Musicology

nova série | new series

11/2 (2024), pp. 281-288 | ISSN 2183-8410

doi: 10.57885/rpmns.561 | <http://rpm-ns.pt>

Recensão: Javier Marín-López, Montserrat Capelán, and Paulo Castagna, *Músicas iberoamericanas interconectadas: Caminos, circuitos y redes* (Madrid – Frankfurt am Main, Iberoamericana – Vervuert, 2023), 648 pp., ISBN: 978-84-9192-409-8

Marcelo Fagerlande

O caminho de Santiago tem sido, há mais de mil anos, um percurso que atrai milhares de peregrinos ansiosos por um mergulho em suas próprias vidas, processo este que muitas vezes leva a reflexões e redirecionamentos de suas existências. O presente volume – *Músicas iberoamericanas interconectadas: Caminos, circuitos y redes* – fruto de um congresso realizado na Universidade de Santiago de Compostela, em 2021, propõe uma nova compreensão do assunto ao qual é dedicado, a partir do que é sugerido no subtítulo. Parece que o tema do encontro e a cidade que sediou o evento, que reuniu pesquisadores de várias partes do mundo, não poderiam estar mais relacionados. A publicação, que apresenta caminhos, desvenda circuitos e comprova redes, aproxima, de modo inspirador, essa abordagem à trilha que conduz à sede do congresso.

O vasto volume é organizado por especialistas no assunto, como Javier Marín-López e Montserrat Capelán – professores da Universidade de Jaén e de Santiago de Compostela, respectivamente – e por Paulo Castagna, um dos mais destacados musicólogos brasileiros, professor da Universidade Estadual de São Paulo. As 648 páginas compõem um rico panorama da música ibero-americana, a partir de recentes pesquisas realizadas com o olhar nos processos de transculturação, em que convergem matrizes indígenas, africanas e ibéricas. A complicada rede de comunicações, que ao longo do tempo permitiu que regiões plurais fossem interconectadas, é o fio condutor da publicação, que contempla uma grande variedade de temas, em um extenso período histórico. É também bastante diversificada a nacionalidade dos colaboradores presentes, sediados em vários países, como Argentina, Áustria, Brasil, Chile, México, Portugal, Espanha, Estados Unidos e Porto Rico. Cabe destacar que os textos passaram por uma longa revisão, em acordo com os autores, e por uma cuidadosa padronização, para dar um caráter de unidade à publicação.

A obra é dividida em cinco setores: «Redes transatlânticas no mundo colonial»; «Circuitos e turnês ibero-americanas no “longo” século XIX»; «Trajetórias transnacionais e imaginário coletivo no século XX»; «Caminhos na criação acadêmica contemporânea»; e «Gravação de repertórios ibero-americanos: itinerários de ida e volta». Há no início um muito bem-vindo «prelúdio», da autoria de Leonardo J. Waisman. Ele apresenta suas reflexões sobre a situação atual da música colonial latino-americana, a partir de três aspectos: um olhar estatístico sobre a bibliografia musicológica do tema, baseado em sua crescente literatura; questionamentos relacionados à aplicação do positivismo; e uma análise da inserção do repertório na música de concerto.

O primeiro dos blocos em que a publicação é dividida contém ensaios que bem ilustram as redes transatlânticas no mundo colonial. O estudo de Álvaro Mota Medina sobre a circulação de partituras e instrumentos entre a Espanha e a região do Rio da Prata, de 1776 a 1810, realizado a partir de registros de navios, possibilita a identificação da chegada de novos estilos e modas em Buenos Aires e Montevideú. A presença espanhola é também exposta no texto de Javier Gándara Feijóo sobre personagens galegos na Catedral da Guatemala, durante o século XVIII, em que analisa os *villancicos* preservados, traçando paralelos com a situação na metrópole. A música religiosa, desta vez em Cuba, é abordada no estudo de Margarita Pearce Pérez sobre a Capela de *Nuestra Señora del Moserrate*, associação musical em Havana, no século XIX.

O Brasil está presente no ensaio de David Cranmer sobre *A vida de D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, obra de Antônio José da Silva (1705–39), o Judeu, dramaturgo nascido no país e atuante em Lisboa. O pesquisador conta sobre o processo de «ressurreição» do entremez, com a publicação do texto e da partitura, e relata sobre sua apresentação em teatros brasileiros. Por fim, José Benjamín González Gomis apresenta um estudo sobre a historiografia musicológica espanhola e sua abordagem das representações rituais hispânicas no período da conquista. O autor levanta uma série de questionamentos e aponta problemas tais como mal-entendidos conceituais, dados equivocados e falta de uma análise musical rigorosa.

A segunda parte do volume é dedicada às turnês e circuitos de artistas, gêneros e obras, ao longo do século XIX. A zarzuela, tão marcante na Espanha, aparece circulando em Portugal e bem mais ao sul, em Buenos Aires e Montevideú, como contam as pesquisas de Pilar Nicolás Martínez e de Nuria Blanco Álvarez. Na primeira, o levantamento de um amplo repertório apresentado por companhias espanholas em Portugal, entre 1856 e 1899, demonstra como tais conjuntos contribuíram para o cultivo do gênero no país. Já as várias viagens de grupos de Madrid para outros destinos na América – como Cuba, México, Argentina e Uruguai – na segunda metade do século XIX, ilustram o sucesso do gênero e como suas capitais não pareciam estar tão distantes da metrópole. O estudo apresentado se dedica a um personagem específico, Manuel Fernández Caballero, que, após uma estada em Cuba, desembarca em Montevideú e Buenos Aires, em 1855.

Virtuosos portugueses, como o pianista Arthur Napoleão e o violoncelista Frederico Nascimento, empreenderam igualmente turnês de concertos em circuitos da Iberoamérica. Em dois artigos acompanhamos as atividades dos músicos, no Brasil e na Argentina. No primeiro, Suely Campos Franco conta sobre a produção, circulação e recepção de ambos nestes países, revelando a importância dos deslocamentos internacionais para a consolidação de suas carreiras. Já no segundo artigo, Juliana Coelho de Mello Menezes e Alberto José Vieira Pacheco se dedicam ao repertório apresentado em concertos públicos por Arthur Napoleão no Rio de Janeiro, reafirmando a importância do músico para o cultivo do piano no Brasil. Em um terceiro ensaio, ambientado na vida musical do período monárquico brasileiro do século XIX, Lutero Rodrigues destaca o compositor Antônio Carlos Gomes e o impacto de sua ópera *Il Guarany*, apresentada em terras americanas por meio de empresas italianas itinerantes.

Os imaginários coletivos criados pela música acadêmica e pela popular nos dois lados do Atlântico, especialmente graças aos periódicos, é o tema da terceira parte da publicação. Há duas personagens femininas de especial interesse: a bailarina La Meri e a violonista Olga Prager Coelho. A primeira, considerada pioneira na «dança étnica», foi uma americana que incluiu sua visão particular da dança espanhola em suas apresentações, mesclando um breve aprendizado na Espanha e sua experiência nos palcos da Broadway. O texto de Judith Helvia García Martín pretende entender a construção de sua *persona*, e analisa a recepção de seu trabalho, com base nos relatos da imprensa, entre 1927 e 1931.

Já a segunda artista, conhecida pelo modo pessoal como combinava sua voz e o violão em canções populares, se destacava pela seleta escolha de repertório e pela habilidade com que dominava o canto e o virtuosístico acompanhamento instrumental. O artigo de Marcia Taborda, ilustrado com rica iconografia, faz jus a essa musicista brasileira, que a partir da década de 1930 inicia uma carreira internacional, realizando turnês nas Américas, Europa, Nova Zelândia, Austrália e África do Sul.

Um salto no tempo leva o leitor aos próximos assuntos. A revista *Pelo*, publicada na Argentina entre 1970 e 2001, revela o intercâmbio musical entre este país e a Espanha, e o ensaio assinado por Alicia Pajón Fernández propõe uma análise da recepção do rock espanhol a partir do periódico. Outra publicação, a revista espanhola *Ritmo*, de impacto em sua época, permitiu que Iván César Morales Flores investigasse os reflexos internacionais da música acadêmica cubana na década de 1980, tanto por meio de repórteres espanhóis como de cubanos, divulgadores oficiais da política musical de seu país. A terceira seção é concluída com o artigo de Susana de la Cruz Rodríguez sobre Eduardo Lorenzo Durán, flautista, construtor de gaitas de fole e professor, nascido em Cuba, de pais galegos. Seu biculturalismo – cubano e galego – é o principal foco do ensaio.

A quarta parte do livro alcança a criação acadêmica dos séculos XX e XXI. O primeiro artigo, da autoria de Barbara Mayer, é dedicado à música do brasileiro Hekel Tavares (1896–1969), com o foco em suas origens ameríndias, africanas e europeias. Em seguida é o México

que está presente, seja por alguns de seus compositores ou por artistas que se transferiram para o país. Alfonso Pérez Sánchez compartilha com o leitor seu ponto de vista sobre as *Sete peças para piano*, de 1952, da autoria de Blas Galindo (1910–33), compositor que pertenceu ao chamado *Grupo de los Cuatro*. A música religiosa do também mexicano Mario Lavista (1943–2021) é analisada por Ana R. Alonso-Minutti no ensaio que propõe uma abordagem interpretativa para explorar as teias intertextuais em duas obras inspiradas na tradição católica. Já no texto sobre Rodolfo Halfter (1900–87), compositor madrilenho que se exilou no México após a Guerra Civil Espanhola, Carlos Villar-Taboada relata sobre seu «espírito espanhol», presente mesmo em obras dodecafônicas, criadas nos anos de 1950.

O último artigo da seção chega ao ano de 2004, quando Manuel J. Ceide escreve a obra *Radicalia*. O próprio compositor, natural da Galícia, é quem analisa sua criação para voz feminina, piano, baixo elétrico, coro falado, percussão e público, a partir do modo como suas vivências juvenis se misturam com experiências mais recentes, desenvolvidas no Caribe, e com as tendências observadas na música da atualidade.

Finalmente, a quinta e última parte é dedicada às gravações de repertórios ibero-americanos. Juan Carlos Poveda, ao analisar o filme musical *A canção de amor cubana*, de 1931 – possivelmente o primeiro do gênero na América Latina – mostra como a utilização do repertório popular cubano tornou-se a semente de procedimentos posteriormente adotados pela diplomacia cultural norte americana, para fortalecer sua presença no continente, identificada notadamente em músicos de Hollywood. Em seguida, Mirta Marcela González Barroso examina o álbum *Canciones del tiempo de Maricastaña*, gravado pelas cantoras e compositoras argentinas María Elena Walsh (1930–2011) e Leda Valladares (1919–2012), em 1958. Já o estudo de Rosalía Castro Pérez busca retratar a presença de Nacha Guevara e Alberto Favero na Espanha, a partir dos dois primeiros álbuns da dupla, que, fugida da ditadura argentina, se estabeleceu no país ibérico de 1976 a 1982. Outro músico argentino exilado naquele país, Roque Narvaja, é o objeto do ensaio proposto por Andrea Bolado Sánchez, em que estuda o processo de transculturação pelo qual o músico passa da música folclórica à *New Wave*, em voga na cena espanhola da época.

A quantidade e variedade dos temas oferecidos em *Músicas iberoamericanas interconectadas: Caminos, circuitos y redes* certamente despertarão a atenção do leitor, que poderá, entretanto, estar mais ou menos interessado em um ou outro assunto específico. Mas o que torna o volume altamente recomendável, e essencial para todos os que se dedicam a pesquisar e a interpretar a música ibero-americana, é o fato de que a publicação permite que esta música não seja considerada apenas por suas delimitações geográficas, mas compreendida no contexto de suas múltiplas funções nas redes transnacionais, atravessando fronteiras e adquirindo um papel fundamental no dinâmico sistema de relações culturais. Os vários ensaios demonstram como as rotas de ligação permitiram que músicos, repertórios, práticas, valores e concepções fossem intercambiados, construindo essa viva e intrincada malha, levando a uma outra percepção do mundo sonoro ibero-americano.

Marcelo Fagerlande é graduado em cravo pela Escola Superior de Música de Stuttgart (1986) e Doutor em Musicologia pela Uni-Rio (2002), tendo realizado estágios de pós-doutorado na França (IRPMF/CNRS, 2005) e no Brasil (PPGG/UFRJ, 2017). É professor titular da Escola de Música da UFRJ, onde atua no bacharelado e na pós-graduação. Criou e coordena desde 2004 a Semana do Cravo. Realizou concertos no Brasil e em países da América do Norte, Europa e América do Sul, e atuou como regente de óperas barrocas em teatros brasileiros. Gravou CDs no Brasil e na Alemanha, e publicou, entre outros, *O Baixo contínuo no Brasil* (7Letras, 2011), *O Cravo no Rio de Janeiro do século XX* (Rio Books, 2020), e o verbete sobre Joaquim Manoel no Grove Music Online (2023). <www.marcelofagerlande.com.br>

